



## “UMA NOVA ARGENTINA”: APROPRIAÇÃO DE SÍMBOLOS E DISCURSOS CATÓLICOS PARA A LEGITIMAÇÃO DO PERONISMO (1946-1955)

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3778

Raquel Fernandes Lanzoni, UEL

### Palavras Chave:

Peronismo; Igreja Católica; apropriação; representação.

### Resumo

As décadas de 1960 e 1970 foram marcadas por uma profunda crise geral nas Ciências Sociais e também na História. As formas até então adotadas para se pensar e explicar o presente e o passado não eram mais suficientes. O marxismo, o estruturalismo e as interpretações cunhadas na Escola dos Annales entraram gradualmente em desuso para darem espaços a novas formas de interpretação. No contexto da crise das mentalidades e do marxismo, vários autores desenvolveram novos conceitos e meios de se pensar as sociedades. Roger Chartier e Michel de Certeau contribuíram para o desenvolvimento de novas formas de interpretação historiográfica através de seus estudos em torno da representação e apropriação. Dada essa contextualização, pretende-se discorrer e analisar como o Peronismo se apropriou de alguns símbolos e discursos da Igreja Católica para legitimar suas ações e consolidar seu poder. O período a ser analisado compreende os dois primeiros governos (1945-1955) de Juan Domingo Perón, principal nome do movimento, conhecido como o Primeiro Peronismo. Neste período, havia por parte dos peronistas uma necessidade de conscientizar a massa popular, no sentido de que o indivíduo, além de receber os benefícios da transformação implementada pelo Peronismo, deveria também agir como um ser ativo nessa transformação. Como fonte desse ensaio-interpretativo será utilizada a revista Mundo Peronista, órgão de doutrinação e difusão da Escola Superior Peronista.

As décadas de 1960 e 1970 foram marcadas por uma profunda crise geral nas ciências sociais e na história. As formas até então adotadas para se pensar e explicar o presente e o passado não eram mais suficientes, pois o mundo se encontrava em um período conturbado: dentro do contexto da Guerra Fria, governos ditatoriais se estabeleciam em vários países, as mazelas do socialismo começavam a vir à tona e movimentos de minorias começavam a ganhar espaço em diversos cantos do mundo. Para acompanhar as diversas mudanças que aconteciam, a historiografia viu-se na necessidade de se modificar para acompanhá-las. Desse modo, o marxismo, o estruturalismo e as interpretações cunhadas na Escola dos Annales<sup>1</sup> entraram gradualmente em desuso para darem espaços a novas formas de interpretação.

No contexto da crise das mentalidades e do marxismo, vários autores desenvolveram novos conceitos e meios de se pensar as sociedades. Em 1970, Michel de Certeau, jesuíta francês nascido em 1925 e autor de obras fundamentais sobre a história e a religião, apresentou e desenvolveu no campo historiográfico o conceito de apropriação. Para ele, a apropriação seria uma seleção de ideias articuladas de formas imprevisíveis. Em relação a um objeto, cada indivíduo se apropria de diferentes formas, em diferentes espaços e com diferentes pessoas, ou seja, a mesma imagem/objeto causa diferentes reações que estão condicionadas ao lugar onde o indivíduo e/ou objeto se encontram e também à presença de outros indivíduos.

Para exemplificar o conceito de

apropriação, Certeau remete-se ao texto. O texto por si só nunca está completo, pois ele só se completa com o leitor. Um autor nunca produz um livro: ele produz o texto que, posteriormente, se transformará em livro através da editora, pois ambos possuem intencionalidades diferentes. O autor escreve seu texto com intencionalidades próprias, esperando que o leitor as perceba. Entretanto, no processo de produção do livro a editora pode, ancorada em suas intencionalidades, modificar algo no texto original. O leitor, por sua vez, só se apropriará daquilo que, no texto, lhe faz sentido. Dessa forma, nem o autor e a editora possuem domínio sobre o que os leitores irão se apropriar de determinado texto. No capítulo “Ler: uma operação de caça” que integra o livro “A invenção do Cotidiano: as artes de fazer”, Certeau afirma que “quer se trate do jornal ou de Proust, o texto só tem sentido graças a seus leitores; muda com eles; ordena-se conforme códigos de percepção que lhe escapam.” (1998, p. 266). A apropriação em Certeau é sempre feita em contexto, ou seja, possui intencionalidades.

Concomitantemente à produção de Certeau, Roger Chartier<sup>2</sup> escreveu acerca do conceito de representação, utilizando o jesuíta francês como referências em suas publicações. A representação pode ser definida como a relação entre uma imagem presente e um objeto ausente e como classificações que organizam a apreensão do social como categorias de percepção do real. Ademais, o poder e a dominação estão sempre presentes no campo das representações: elas produzem estratégias e práticas para impor autoridade e legitimar escolhas. O campo de representações torna-se, então, um campo de disputas onde grupos estão

---

1 No caso da História, a crise das mentalidades se dava, principalmente, nos princípios da inteligibilidade (modelo braudeliano): a preferência pela história de longa duração e pelo social e a necessidade de uma definição territorial dos objetos foram abalados, abrindo caminho para uma multiplicidade de abordagens: atentava-se agora para os desvios culturais.

2 Nascido em 1945 na cidade de Lyon, formou-se historiador e professor pela Universidade de Sorbonne e pela Escola Normal Superior de Saint Cloud. Na academia, dedica-se à linhas de pesquisa como a história do livro, práticas de leitura reflexões sobre o ofício do historiador, etc.

sempre em conflito para impor sua representação.

Aproximando-se de Certeau, Chartier acredita que as formas produzem sentidos: a leitura é sempre uma prática composta por gestos, espaços e hábitos. Dessa forma, a prática de leitura não é universal, pois há disposições específicas de cada sociedade, tempo e espaço, o que implica em diferentes modos de leitura. O sujeito, mesmo ativo, não é universal, mas alguém situado historicamente. O sentido de um texto para Chartier, assim como para Certeau, não está dado e nem é fixo; o sentido resulta da atuação do leitor. A apropriação seria então o modo como as pessoas se apoderam dos discursos e visões da realidade, resultando em novas visões de mundo.

Dada essa contextualização, pretende-se discorrer e analisar como o Peronismo se apropriou de algumas símbolos e discursos da Igreja Católica para legitimar suas ações e consolidar seu poder. O período a ser analisado compreende os dois primeiros governos (1945-1955) de Juan Domingo Perón, principal nome do movimento, conhecido como o Primeiro Peronismo. Neste período, havia por parte dos peronistas uma necessidade de conscientizar a massa popular, no sentido de que o indivíduo, além de receber os benefícios da transformação implementada pelo Peronismo, deveria também agir como um ser ativo nessa transformação. Como fonte desse ensaio será utilizada a revista *Mundo Peronista*, órgão de doutrinação e

difusão da Escola Superior Peronista<sup>3</sup>.

*Mundo Peronista* foi publicada pela primeira vez em 15 de julho de 1951 e sua última publicação data 1º de setembro de 1955. De periodicidade quinzenal, a revista possuía um tamanho de 32cm x 25cm, com um total de 52 páginas por edição, capas coloridas compostas por fotografias e ilustrações alternativas de Perón e Evita. Escrita em linguagem simples e direta, seu interior foi impresso em cor sépia constituída por fotografias, seções fixas e variáveis, artigos, reportagens e ilustrações. Seu preço inicial era de \$1,5 (pesos argentinos), mas com o tempo passa a ser vendida pelo dobro do valor. Foram publicadas 93 edições da revista e estão disponibilizadas no site *Ruinas Digitales - Arqueologia comunicacional*<sup>4</sup>, projeto realizado por um grupo de estudantes de Ciências Sociais da Universidade de Buenos Aires (UBA).

Jorge Newton<sup>5</sup> foi o diretor da revista durante os cinco anos de publicação. Curiosamente, a maioria dos artigos publicados em MP não eram assinados com os nomes verdadeiros de seus autores: usavam pseudônimos ou somente as iniciais, quando não deixavam as publicações sem assinatura. Panella (2010, p. 286-287) encontra o motivo para tais feitos na edição 32 da revista. Os escritores da revista eram considerados “*ciudadanos peronistas*” que escreviam para a “*masa ciudadana del Movimiento Peronista*”. Seus escritores renunciavam à propriedade intelectual, transformando toda a revista em um patrimônio social cujo destinatário

3 Inaugurada em 1º de março de 1951, a Escola Superior Peronista (ESP), sediada em Buenos Aires, tinha como objetivo difundir uma nova cultura política no país. Para Perón, a missão da ESP era de “encarar la formación y preparación de nuestros dirigentes en las tareas de gobierno y la capacitación de los mismos para la conducción política. (...) Intentamos así desterrar de la política argentina el sistema de falsedad y el engaño, para instaurar el de la sinceridad y la lealtad. Buscamos organizar una fuerza que, intelectual, espiritual y materialmente, sea una garantía para el pueblo

argentino. Nos proponemos transformar una masa inorgánica en un pueblo organizado, con alto nivel de cultura cívica y una amplia conciencia social” (Mundo Peronista apud PANELLA, 2010, p.285)

4 <<http://www.ruinasdigitales.com/mundo-peronista/>>

5 Escritor de novelas durante a década de 1930 e que nos anos peronistas publicou Perón, el visionario (1955), além de outras obras sobre o assunto e biografias de personagens históricos. (CIRIA apud PANELLA, 2010, p. 286)

era o povo.

Para entender o movimento peronista originado na década de 1940, é preciso contextualizá-lo. Através do Grupo de Oficiais Unidos (GOU), Perón participou do complô que retirou do poder Ramón Castillo, presidente do regime anterior. Após a implantação do governo militar de 1943, Perón assumiu o posto de Ministro do Trabalho e do Bem-Estar e em seguida, em 1945, tornou-se Ministro da Guerra e concomitantemente assumiu a vice-presidência. Como Ministro do Trabalho, Perón realizou mudanças no âmbito da legislação, ganhando respeito e notoriedade entre as massas populares e líderes sindicalistas, o que resultou no aumento de sua popularidade e autoridade. O general reconhecia a existência de classes e conflito entre elas e via no Estado o único mediador possível para essas tensões. Com base nessa ideia, Perón começa a articular o Justicialismo, movimento político cuja combinação de elementos populistas com mecanismos de centralização do poder resultaria na ampla intervenção do governo na economia, monopolizando o comércio exterior e nacionalizando diversos setores, que será a base do Partido Peronista.

Entretanto, a popularidade do coronel começou a incomodar os membros do governo em que participava, e em outubro de 1945 Perón é destituído de seu cargo e preso. O que os articuladores do golpe não contavam, porém, era que Perón já contava com o apoio das massas populares e sindicatos em sua defesa. A multidão, juntamente com Eva Perón, conseguiu sua libertação no dia 17 de outubro de 1945. No mesmo dia, Perón realizou um discurso para mais de 300 mil pessoas, garantindo a realização das eleições pendentes e a construção de uma nação justa; nessa ocasião, valeu-se do momento de euforia para lançar sua candidatura à presidência.

Apoiado por grupos trabalhadores, dirigentes sindicais e

nacionalistas que reconheciam o caráter social de seu plano de reformas, bem como o apoio da Igreja Católica, Perón saiu vitorioso das eleições de 1946 pelo partido Laborista, derrotando o concorrente da União Democrática. Assim que assumiu o cargo de presidente em fevereiro de 1946, promoveu a fusão dos grupos políticos que haviam lhe apoiado em um novo partido: o Partido Peronista. Reeleito em 1952, os dois mandatos de Perón foram marcados por uma mescla de tendências democráticas e autoritárias.

Segundo Federico Neiburg, a palavra peronismo:

[...] serve para nomear o movimento político nascido em meados da década de 1940, identificado com a figura do coronel Juan Perón; para qualificar o período da história da Argentina que se inicia em 1945 e termina em 1955 [...]; para designar o partido político criado por Perón logo após sua vitória nas eleições de 1946 e que sobrevive até hoje com outras denominações; para fazer referência à identidade política dos que, desde aquela época, invocam sua figura e recordação de seus governos para legitimar diferentes posições no campo da política. O adjetivo peronista também serviu, e hoje ainda serve, para descrever uma doutrina política, um tipo de governo, uma forma de discurso. (NEIBURG, 1997, p. 14)

Um dos principais pilares do Peronismo foi a Igreja Católica, tanto para sua chegada ao poder tanto para sua permanência. A Igreja, importante ator político na sociedade argentina, reafirmou seu poder na década de 1930 e estabeleceu como objetivo transformar-se como o princípio organizador da sociedade argentina. Em 1945, a vitória de Perón foi vista pela hierarquia conservadora da Igreja como a possibilidade de instrumentalização dos aparatos estatais, a fim de estabelecer a hegemonia católica. Outrossim, o Estado peronista também

enxergou na aliança com a Igreja uma forma de legitimação de seus ideais. As manifestações de apoio mútuo entre os dois atores políticos tiveram, porém, seus dias contados: logo surgem uma série de conflitos localizados em áreas da sociedade consideradas chaves para a reprodução social.

Segundo Bianchi (1994, p. 3), as áreas de conflito entre a igreja e o Peronismo foram a família, educação e a assistência social. Ainda na campanha eleitoral, Perón firmou um compromisso pré-eleitoral com a Igreja. Tal compromisso consistia na elaboração de uma lei que tornasse o ensino religioso obrigatório nas escolas públicas desde os anos primários da educação. Até então vigorava na Argentina a *Ley 1420 de 1884*, que assegurava o ensino laico. O ensino religioso era visto como um aquele que levaria a sociedade de volta às origens, assegurando da tradição<sup>6</sup>, em detrimento do ensino laico, que ameaçava a hispanidade, o catolicismo e a nacionalidade da sociedade argentina. O Peronismo cedia um amplo espaço para a Igreja, mas de fato não estava disposto a renunciar a todas as formas de poder. Em vista disso, o governo deteve a formação de professores para as escolas públicas, o que não agradou a hierarquia católica. Ademais, a Igreja não tolerava a sacralização de líderes peronistas, que representava uma afronta às imagens de Jesus e dos santos.

Em síntesis, los principios del peronismo, centrados en la exaltación a sus líderes, dejaron en un segundo plano a los contenidos del catolicismo como fundamentos de la educación de los niños en “la nueva Argentina” (BIANCHI, 1994, p. 27)

No que diz respeito à família, a Igreja entendia que esta estava inserida na

esfera privada da sociedade, onde apenas a Igreja deveria exercer um domínio exclusivo. Há algumas considerações feitas pelo Peronismo sobre a família que não eram totalmente descartáveis pela Igreja, são elas: “[...] protección a la natalidad, la asistencia pre y postnatal al niño y a al madre, una severa represión del aborto y de los métodos anticonceptivos, además de la regulación de la actividad extradoméstica de las mujeres.” (BIANCHI, 1994, p. 27). Entretanto, tais considerações levantaram desconfiança por parte da hierarquia católica, uma vez que entendiam que o incentivo ao aumento da natalidade, a proteção contra o aborto e de métodos contraceptivos defendidos pelo governo peronista estavam mais ligados à necessidade de acrescentar cidadãos, que posteriormente se transformariam em trabalhadores na sociedade e não em formar famílias propriamente ditas. Para Juan Francisco Vidal (apud BIANCHI, 1994, p. 28):

[...] se mencionan constantemente el hogar, el salario familiar, las tareas domésticas, el derecho de la madre, sobre todo, la natalidad. Fácil sería dejarse engañar por esta apariencia. Mas de hecho lo que se persigue es una negación de la familia, bajo la fachada de semejante propaganda [...]

A interferência de Perón no que concerne o papel das mulheres na sociedade e nas instituições de assistência social também foram temas de preocupação para a Igreja. Quanto ao primeiro, a Igreja entendia que o papel feminino deveria estar unicamente ligado à família, no entanto quando foi dado à mulher o direito ao voto (1947) e criado o Partido Peronista Feminino (1949) (BIANCHI, 1994, p. 28), a inquietação por parte da hierarquia católica se manifesta mais uma vez na possibilidade de perder o domínio sobre a vida das

<sup>6</sup> “Nuestra tradición es Cristo y estar contra ella es estar contar Cristo. Dios es el alma nacional” (LASCAR apud BIANCHI, 1992)

mulheres. As instituições de assistência social, antes dominadas pela Igreja, tornaram-se mais poderosas e eficazes quando administradas pelo governo peronista, não dando espaço para as casas de caridade até então conduzidas pela Igreja.

Bianchi (1997, p. 361) estabeleceu que o conflito central entre os dois atores políticos em questão foi a intencionalidade do Peronismo em se transformar como um valor ético e moral da sociedade que conseqüentemente se assumia como uma religião política. Tornar-se peronista era, portanto, assumir o peronismo como uma nova forma de religiosidade, que continha seus próprios símbolos e líderes sacralizados, descartando assim a religião católica. (BIANCHI, 1994, p. 36).

Haja vista a possibilidade de hegemonizar seu poder para além da esfera meramente política, o Peronismo se apropria de símbolos e discursos católicos para se firmar como uma nova cultura política<sup>7</sup>, cuja influência procurava atingir todos os setores da sociedade. “La sacralización de las figuras más significativas permitió que la adhesión al peronismo fuese descripta en términos de ‘devoción’, ‘fervor’, ‘veneración’ y ‘fe’.” (BIANCHI, 1997, p. 361).

Em *Mundo Peronista* é possível perceber como se deu a sacralização das figuras de Péron e Evita, além da construção de um discurso fortemente marcado pelo teor religioso que tinha como objetivo a doutrinação da sociedade. Maria Helena Rolim Capelato, em seu livro “Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo”, cita Lenharo (1986) quando se refere à

sacralização da política:

A transposição de imagens religiosas para o discurso do poder gerou a sacralização da política, mecanismo de representação que visara dotar o Estado de uma legitimidade capaz de tornar mais eficientes os novos dispositivos de dominação engendrados pelo novo regime. (CAPELATO, 2009, P. 32)

Assim sendo, quando a linguagem religiosa é usada pelo Peronismo, seja na apropriação de símbolos ou do discurso, pretende-se persuadir o indivíduo, a fim de manipular a esperança e o temor, componentes básicos para a dominação de massas populares. (CAPELATO, 2009, p. 32)

A palavra de Perón, seja ela escrita ou falada, tinha, para a revista, “sabor de aire puro, de fe, de esperenza, de optimismo. ¡Es la palabra que siempre se cumple!” (MP, nº 1, p. 1). Além disso, as palavras proferidas pelo “*Conductor*” ou “*Líder y Sábio Conductor*” do movimento peronista fazia com que o coração dos ouvintes vibrasse de emoção ao escutá-las. (MP, nº 49, p. 26). Portanto, toda palavra de Perón era interpretada como guia para os peronistas. Era ela que determinava e dava sentido às ações de seu “*Pueblo*”. Dessa forma, esse discurso muito se parece ao discurso que a Igreja profere sobre as palavras e ensinamentos de Cristo, contido nos Evangelhos.

Em 26 de julho de 1952, Eva Perón faleceu em decorrência de um câncer de útero. Mesmo antes de sua morte, a primeira-dama era ativa no governo de seu marido: criou o Partido Peronista Feminino e concedeu direito ao

7 Renovada na França nos anos 60, a nova História Política dedica-se ao estudo do campo político através das massas: eleitores, sindicatos, grupos políticos etc., desenvolvendo desse modo o conceito de “cultura política”. Jean-François Sirinelli (1992) admite “que se trata de uma espécie de códigos e de um conjunto de referentes, formalizados no seio de um partido

ou, mais largamente, difundidos no seio de uma família ou de uma tradição políticas.” (apud BERSTEIN, 1998, p. 350). Assim sendo, a cultura política orienta as pessoas de uma sociedade em como se comportarem politicamente e sua transmissão se dá a partir das instituições como a família, escola e universidades e por meio dos diversos grupos em que os indivíduos estão inseridos.

voto às mulheres. Perto de seu falecimento, peronistas fiéis realizavam peregrinações por sua saúde, bem como a elaboração de orações. Após sua morte, intensificou-se a incorporação de simbologia religiosa. Em *MP* nº 26 (p. 3), há um exemplo de um juramento feito à Evita, evidenciando a devoção de sua figura:

#### TE JURAMOS, EVITA

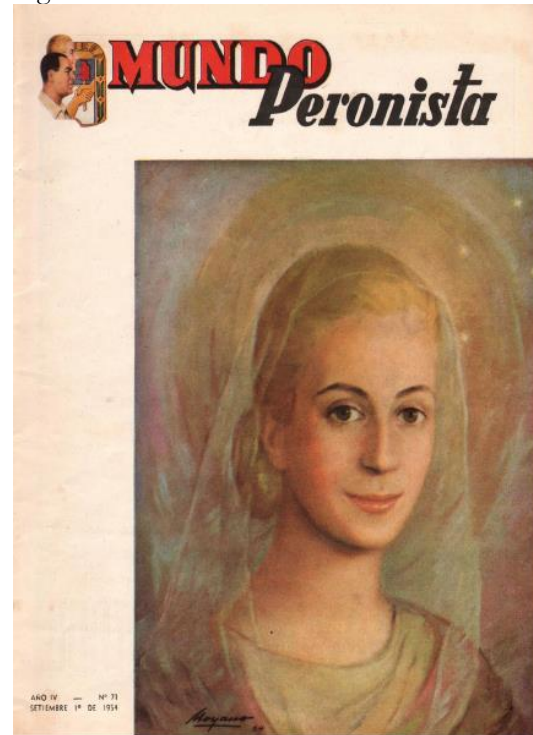
Sobe tu amor y tu dolor, queremos,  
Evita, jurarte nuestra absoluta  
fidelidad.  
A tu nombre.  
A tu vida.  
A tu verdad.  
A tus ideales.  
A tus amores.  
¡A tu fanatismo...!  
Te juramos servir a Perón y a tu  
Pueblo, tus dos grandes amores,  
hasta el último día en que vivamos.  
Te juramos que habremos de vivir y  
actuar, en PERONISTAS, como  
si permanentemente tu presencia de  
vigía nos estuviese siguiendo  
de cerca.  
Te juramos lealtad a Perón, a su  
doctrina y a su movimiento.  
Te juramos lealtad al pueblo de tu  
corazón.  
A tus obreros.  
A tus mujeres.  
A tus descamisados...  
¡A tus “grasitas”, como tú lo  
llamabas con infinito amor!  
Todo lo que tú quisiste será nuestro  
querer.  
Tu corazón encenderá nuestros  
amores.  
Tus pensamientos iluminarán  
nuestro camino.  
Tu fanatismo quemará nuestras  
almas.  
Tu nombre será nuestro grito de  
batalla.  
Evita: te juramos fidelidad  
inquebrantable.  
¡Hasta el último día!  
**¡Caiga quién caiga y cueste lo  
que cueste...!**

Entretanto, Bianchi (1997, p.

361) ressalta que essas práticas religiosas com as figuras de Evita não surgiram com sua morte. Desde o início da publicação de *Mundo Peronista*, havia o incentivo de construir altares com as figuras de Evita e Perón, este por sua vez deveria estar sempre em primeiro lugar.

Na edição 71 da revista (01/09/1954), Evita aparece santificada.

Figura 1 – Evita santificada.



Fonte: Ruínas Digitales – Arqueologia comunicacional

Mas nem Mussolini nem Hitler levaram a sua loucura auto-induzida ao ponto de tentarem publicamente usurpar o lugar de Deus. Perón tentou. [...] Foi nesse ponto que começou a divinização de Perón. Evita deu o tom: ‘Só há um Perón...Ele é um Deus para nós... Nosso sol, nosso ar, nossa vida.’ Um ministro de governo equiparou Perón a Cristo, Maomé e Buda, como fundador de uma grande doutrina religiosa! A máquina de propaganda começou a espalhar folhetos e alusões dessa espécie. Ao mesmo tempo, empreendia-se uma campanha para canonizar Evita. Em outubro de 1951, ela foi apresentada a uma multidão

peronista como 'Nossa Senhora da Esperança' e o próprio Perón rematou a reunião, proclamando um novo feriado, o 'Dia de Santa Evita'. Depois da morte de Evita, em 1952, a neurose deliberada se agravou. Um porta-voz peronista, falando da sacada do palácio do governo, dirigiu-se a ela como 'mãe nossa que estais no céu'. Exibiu-se um filme intitulado Evita imortal e a revista Mundo Peronista divulgou na capa uma Evita santificada, a quem não faltava a auréola. (SCULLY, 1956)

Para Certeau (2014), toda atividade humana pode ser considerada cultura, mas ela só é reconhecida como tal quando essas práticas sociais passam a ter significado para aquele que as realiza. Há uma seção na MP intitulada "*El Ejemplo peronista*" em que constava testemunhos de leitores que tiveram suas vidas transformadas pelo peronismo. Na 14ª edição (p. 10-11), a revista apresenta em duas páginas o testemunho de María del Carmen Varela, imigrante espanhola e empregada doméstica. Quando entrevistada por um repórter, María assinalou que se tornou peronista desde quando Péron começou a atuar na política. Por se identificar com as ideias do General, adotou a cidadania argentina em 1946 e se considerava cidadã da Nova Argentina de Péron e de Evita. Contou que graças à Perón e Evita, os trabalhadores domésticos foram dignificados e passaram a viver com decência, o que nos anos anteriores não era possível pois eram explorados. Através desse exemplo, percebe-se um contraste entre um passado marcado pelo sacrifício dos trabalhadores e um presente que os tornavam dignos, fazendo justiça à suas causas graças ao governo peronista. A figura de Perón foi construída como o salvador, aquele que tirou da escuridão a classe trabalhadora argentina e a colocou em um presente luminoso e respeitoso. Observa-se aqui a apropriação que o Peronismo fez do discurso salvador da Igreja Católica em relação à figura de Jesus

Cristo. Quando se menciona "Nova Argentina", evidencia-se o nascimento de uma nova pátria, pautada em princípios capazes de apagar o passado obscuro e construir uma nova nação.

A fim de "dar forma" às práticas sociais" (CERTEAU, 2014, p. 260) a apropriação feita pelo Peronismo dos símbolos católicos está mergulhada em uma relação poder muito interessante. Ciente da influência do catolicismo na formação da sociedade argentina, apropriar-se do discurso católico e sacralizar seus principais líderes era uma forma de se estabelecer nos lugares que até então eram da Igreja Católica. Esse estabelecimento representava o controle maior de todos os níveis da sociedade argentina. Transformando-se em uma religião política, o Peronismo lançou mão de uma doutrina que não objetivava somente conscientizar politicamente a massa popular, mas oferecer uma outra opção de religiosidade, situada em um nível superior que o catolicismo.

Portanto, de acordo com o conceito de apropriação de Certeau, a Doutrina Peronista incorporou as características e práticas católicas que mais lhe convinham, ou seja, que mais lhe faziam sentido. De certa forma, essa apropriação foi um meio de impulsionar o poder peronista, abrindo caminhos para estabelecer raízes na nova nação.

## Referências

### Fonte

MUNDO PERONISTA. Buenos Aires: Escola Superior Peronista, 1951-1955.

### Bibliografia

BEIRED, José Luis Bendicho. **O movimento operário argentino**: das origens ao peronismo (1890-1946). São Paulo: Brasiliense, 1984.

BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, J-P; SIRINELLI, J-F. **Para uma história cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p. 349-363.

BIANCHI, Susana. Catolicismo y peronismo:



iglesia católica y Estado em la Argentina, 1945-1955. **Trocadero**: revista de historia moderna y contemporanea, Espanha. n° 8-9, 1996-1997, p. 351-368

\_\_\_\_\_. Catolicismo y peronismo: la religión como campo de conflicto (Argentina, 1945-1955). **Boletín americanista**, Espanha. n°. 44, 1994, p. 25-37

\_\_\_\_\_. Iglesia católica y peronismo: la cuestión de la enseñanza religiosa (1946-1955) **Estudios Interdisciplinarios de América Latina y el Caribe**, Israel. v. 3, n. 2, 1992.

CERTEAU, Michel de. Ler: uma operação de caça. In: CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 236-248.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: CHARTIER, R. **À beira da falésia: a História entre certezas e inquietude**. Porto Alegre: Ed. Universidade; UFRGS, 2002. p. 61-79.

LIDA, Miranda. Catolicismo y peronismo: debates, problemas, preguntas. **Bol. Inst. Hist. Argent. Am. Dr. Emilio Ravignani**, Buenos Aires, n. 27, p. 139-148, jun. 2005.

NEIBURG, Federico. **Os intelectuais e a invenção do peronismo: estudos de antropologia social e cultural**. São Paulo: EDUSP, 1997.

PANELLA, Claudio. Mundo Peronista (1951-1955): "una tribuna de doctrina". In: PANELLA, C.; KORN, G. (Org). **Ideas y debates para la nueva argentina: revistas culturales y políticas del peronismo (1946-1955)**. La Plata: Universidad Nacional de La Plata, 2010. Pp. 281-306.

PLOTKIN, Mariano. **Mañana es San Perón**. Buenos Aires: Ariel, 1993.

SCULLY, Michael. Quanto custou Perón à Argentina. In: **Seleções do Reader's Digest**, Rio de Janeiro, março de 1956, n° 170 pp 29-37